

## ***Seja bendito para sempre, que tanto me esperou***

Carta do Prior Geral O. Carm., R.P Fernando Millán e do Geral O.C.D., R.P. Saverio Cannistrà, por motivo do Jubileu da misericórdia

Às irmãs e irmãos da família do Carmelo,

¡Paz!

No passado 11 de junho, acompanhados dos nossos respectivos conselheiros e definidores gerais, atravessamos juntos a Porta Santa.

Pela mão da Mãe da Misericórdia, sob a doçura do olhar da nossa Irmã e Senhora, a Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, também nós realizamos uma peregrinação, manifestando assim o nosso compromisso e sacrifício em perspectiva a alcançar a meta da misericórdia, o nosso desejo de converter-nos para poder ser misericordiosos como o Pai o é connosco (cf. *Misericordiae Vultus* –MV- 14).

Entramos na Basílica de São Pedro no Vaticano, como num santuário da misericórdia, para encontrar-nos com a Misericórdia feita carne, desejosos de participar intimamente, como a Virgem Maria, no mistério do amor divino: Jesus Cristo (cf. MV 24).

Com Ela, ao atravessar a Porta Santa, cantamos a misericórdia do Senhor que, na vida da nossa família, se estende e é tangível “de geração em geração” (Lc 1,50; cf. MV 24). Chamados a viver “em obséquio de Jesus Cristo, servindo-O lealmente com o coração puro e boa consciência” (Regra, 2), cumprimos com tanta maior fidelidade a nossa vocação na medida em que O conhecemos, aprofundamos no seu mistério Quem melhor que a nossa Irmã e Senhora pode ajudar-nos a cumprir essa Formosa tarefa, Ela que “guardou no seu coração a divina misericórdia em perfeita sintonia com o Seu Filho Jesus” (MV 24).

“Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai” (MV 1), de modo que se queremos realmente ser sinal eficaz do obrar da Trindade misericordiosa no mundo (cf. MV 2-3), é absolutamente necessário que nos detenhamos a contemplá-l’O, que cresçamos no conhecimento de Cristo Jesus para poder “perceber o amor da Santíssima Trindade” (MV 8). Viver o jubileu da misericórdia, antes que empenhar-se em tarefas e actividades a favor dos outros, exige fixar o olhar n’Aquele que torna visível e tangível o

amor de Deus (cf. ib.). Só olhando-O e meditando os seus gestos e as suas palavras nos poderemos dispor a dar-nos gratuitamente aos outros, a realizar em seu nome sinais de misericórdia e compaixão com todos. Esse é o exemplo que nos deram os nossos santos, que nos precederam na subida à Santa Montanha do Carmelo: conhecer a Cristo para fazê-lo conhecer e amar.

Nesta carta queremos, portanto, convidar-vos a contemplar a Cristo sabendo que estamos apoiados na Santíssima Virgem, que não afasta de nós os seus olhos misericordiosos, e no testemunho de alguns dos nossos santos. Queremos que eles nos ajudem a converter-nos para ser apóstolos do Deus que derrama sobre a nossa Ordem, a Igreja e o mundo a misericórdia que Ele usou e deseja seguir usando com todos.

Com *santa Maria Madalena de Pazzi* –de quem celebramos este ano o 450º aniversário do nascimento– aprendemos a conceber a misericórdia como um atributo divino, sinónimo de paz e reconciliação. Deus fez tudo com uma grande ordem, mas também com uma grandíssima misericórdia, a qual procede do grande e desmedido Amor que tem para com as suas criaturas. Vive-a em toda a sua dimensão, a ponto de não poder expressá-la com palavras (cf. *Os quarenta dias*).

Contudo, é na Encarnação do Verbo onde a misericórdia divina se manifesta de modo definitivo. Ela, cujo apelido religioso foi “do Verbo Encarnado”, compreende que no seio de Maria, a Mãe da Misericórdia, Deus selou a paz definitiva com o género humano.

Em Cristo, para santa Maria Madalena, condensa-se toda a misericórdia divina, perceptível em cada um dos seus gestos e palavras: Ele perdoa inclusivamente o abandono dos discípulos no Horto das Oliveiras que, dormidos, O deixam só no meio da sua atroz agonia, incapazes até de acompanhá-lo com a sua oração.

Ao inclinar a sua cabeça na cruz (cf. Jn 19,30), Jesus, unido ao Pai, estendeu esse perdão a toda a humanidade, realizando o acto supremo de misericórdia: “O perdão supremo oferecido a quem o crucificou, mostra-nos até onde pode chegar a misericórdia de Deus” (MV 24). Mas a sua obra misericordiosa não termina aí. Para santa Maria Madalena o amor de Cristo continua a dar-se a conhecer: “Depois de subir ao céu, à direita do seu Eterno Pai, Jesus segue manifestando-nos dia a dia a sua misericórdia, a qual, desde os nossos tempos até a odia do Juízo, usará com todas as suas criaturas e mais grandemente nos demonstra esta virtude da misericórdia suportando tantos pecadores e tantas ofensas que Lhe são feitas” (*Os*

*quarenta dias; cf. Os colóquios, 2).*

*São João da Cruz* permite-nos aprofundar e entender ainda mais a dimensão pessoal da misericórdia divina, que não consiste somente em afastar a vista dos nossos defeitos. Por sua misericórdia, o Pai faz-nos crescer, levanta-nos, convidando-nos a fazer o mesmo com os outros: “Tu Senhor, voltas com alegria e amor levantar ao que Te ofende, e eu não torno a reabilitar e honrar a quem me irrita” (*Ditos de Luz e Amor*, 44). Este levantar-nos consiste em elevar-nos à comunhão mais íntima com Ele, como canta a *Oração da alma enamorada*, que pode justamente ser chamada *oração da misericórdia*: “Não me tirarás, Deus meu, o que uma vez me deste em Teu único Filho Jesus Cristo, em que me deste tudo quanto quero; por isso folgarei pois não tardarás, se eu confiar (ib, 26).

Habitando em nós, embeleza-nos com obras dignas de si mesmo, permite-nos partilhar os seus atributos (cf. *Chama de amor viva B*, 3,6). Iaaoo sempre através do caminho da contemplação que nos conduz à união com Deus, penetrando na insondável mina de tesouros que é Cristo (cf. *Cântico Espiritual B*, 37,4).

E é que Deus, para João da Cruz, quer ser nosso, dar-se a nós (cf. *Chama de amor viva B*, 3,6), esse é o sentido profundo da sua misericórdia: “¡Oh coisa digna de toda a preferência e gozo, ficar Deus preso num cabelo! A causa desta prisão tão preciosa é o ter Deus querido parar-se a olhar o voo do cabelo, como dizem os versos antecedentes; porque, como temos dito, o olhar de Deus é amar; porque, se Ele pela sua grande misericórdia não nos olhasse e amasse primeiro, como diz São João(1 Jo 4, 10), e se abaixasse, nenhuma atenção faria n’Ele o voo do cabelo do nosso baixo amor, porque ele não tinha tão alto voo que chegasse a prender a esta divina ave das alturas; mas porque ela se baixou a olhar-nos e a provocar o voo e levantá-lo do nosso amor, dando-lhe valor e força para isso, por isso Ele mesmo se afeiçoou no voo do cabelo, isto é, Ele mesmo se pagou e se agradou, e, por isso, se afeiçoou. E isso quer dizer: Viste-o em meu colo, e a ele preso ficaste. Porque coisa muito crível é que a ave de baixo voo possa cativar à águia real de voo muito alto, se ela desce abaixo querendo ser presa” (*Cântico Espiritual B*, 31,8).

Assim o compreendeu também, e dela fez experiência pessoal, *Santa Teresa do Menino Jesus*: “Eis aquí, em verdade, o misteóio da minha vocação, de toda a minha vida [...], dos privilégios que Jesus dispensou à minha alma [...], Ele não chama aos que são dignos, mas aos que lhe agrada, ou como diz São Paulo: Deus tem compaixão de quem quer e usa de misericórdia com quem quer ser misericordioso. No é, pois, obra de

quem quer nem de quem corre, mas dee Deus, que usa de misericórdia” (Ms A 2rº).

Ele é a galinha que quer acolher misericordiosamente aos seus pintaínhos debaixo das asas (cf. *Últimas conversações*, 7 de junho, 1). O mundo não entende a sua ternura, recusa-a, por isso Teresa se lança decidida –a contracorrente do seu tempo- nos braços do amor misericordioso, a quem se oferece como vítima, para que Ele não deva “reprimir as ondas de infinita ternura” que deseja derramar sobre a humanidade (cf. Ms A 84rº).

“A mim –confessa na sua autobiografia- [Deus] deu-me a sua misericórdia infinita, e através dela contemplo e adoro as demais perfeições. Então todas se me apresentam radiantes de amor, inclusive a justiça [...] Que doce alegria pensar que o Bom Deus é Justo!, ou seja, que tem em conta as nossas debilidades, que conhece perfeitamente a fragilidade da nossa alma” (ib. 83vº-84rº).

Teresa não fala apoiada na ciência ou no conhecimento humano. Narra a sua própria experiência. A experiência de um Amor que se abaixa ao mais pobre do coração humano, que o cura e o levanta sem ter em conta nem as suas misérias nem os seus delitos. Amor que ela se empenhará em dar a conhecer, sentando-se mesmo na mesa dos afastados, dos não crentes (cf. Ms C 6rº), fazendo-nos compreender uma vez mais que só quem experimenta a Misericórdia que é Cristo pode ser misericordioso como o Pai.

Assim se nos mostra o *Beato Tito Brandsma*. Para ele, a experiência de Deus não es é privilégio de uma elite espiritual: todos estão chamados a gozar da comunhão e a união íntima com o Deus misericordioso. Ele dá-Se sem medida e só espera o acolhimento do coração humano, adaptando-se às nossas condições concretas, sem in recusar nada ds nossa natureza assumindo mesmo o pecado para redimir-nos e exaltar-nos, como nos mostrou na Encarnação. É necessário crescer cada dia na compreensão deste Mistério para poder adorá-lo não só no nosso interior, mas em tudo o que existe e, principalmente, no próximo, a cujo serviço devemos por-nos nas realidades concretas.

Tito dá exemplo disso com a sua própria vida: apesar de ser chamado a desempenhar importantes cargos, nada foi mais primordial para ele que prestar atenção aos que necessitavam ajuda, através do diálogo, a capacidade de reconciliação e a dedicação pastoral, entendida como desejo de levar a Cristo aos mais necessitados.

A sua solidariedade com o povo judeu quando o governo de ocupação alemão estabeleceu na Holanda as medidas antisemitas, funda-se no seu amor à misericórdia e à justiça. Sem temer as consequências, põe-se do lado dos desesperados, quer dar voz àqueles a quem lhes foi arrebatada, defende igualmente a liberdade da imprensa católica frente às imposições totalitaristas do nazismo.

Isso termina por conduzi-lo também a ele aos campos de concentração, onde sofre, padecimentos e humilhações, mas aí continua também sendo apóstolo de compaixão e reconciliação: partilhando a escassa ração com os outros, animando a todos, escutando confissões, inclusivamente de algum dos seus guardas.

Ao final da sua vida, imitando a Jesus misericordioso que perdoa aos seus inimigos na cruz, Tito foi rosto de misericórdia mesmo para com a enfermeira que acabou com a sua vida, como ela mesma confessou anos mais tarde na sua declaração sob segredo, oferecendo-lhe o ser terço antes de morrer.

Irmãs e Irmãos: apoiados nestes –e em tantos outros - testemunhos da nossa família, podemos aventurar-nos a cruzar com gozo a Porta Santa deste ano jubilar. Sigamos com ânimo os seus passos, aumentemos a nossa comunhão com Cristo, acrescentemos o nosso amor para com Ele e confessemos cada dia o Amor que nos tem. Façamo-l’O conhecer e amar. Esse é o modo em que na família do Carmelo deve viver-se a misericórdia, particularmente num ano tão especial como este.

Sim, com a nossa Irmã e Madre Teresa de Jesus também nós queremos dizer: Seja bendito por sempre, o que tanto nos espera! Aprendemos com ela a contar a todos quanto é bom e grande o Senhor.

Quando, descobindo o mistério do dom total de Deus à pessoa nas Sétimas Moradas, a sua pluma detem-se ante o abismo do inefável, do que não se pode contar, é seu desejo de narrar a todos a bondade de Deus o que a empurra a dar o salto e continuar escrevendo.

E tudo isso para dizer-nos que *não há outro modo de ser espirituais de veras que alegrando ao Pai e sendo escravos de Cristo, o que conseguiremos na medida em que alegremos aos outros e nos convertamos em seus servidores, fazendo patente o nosso amor a Deus e aos irmãos através das obras* (cf. *Moradas do Castelo interior*, 7, 4).

Deus queira que, pela intercessão da Nossa Irmã, a Bem-aventurada Virgem do Monte Carmelo e a de seu Esposo São José, nosso Pai e Senhor, o coração da família do Carmo siga ardendo no fogo do conhecimento e amor a Cristo Jesus, para que assim os que a constituímos, impulsionados pelo Santo Espírito, sejamos apóstolos da Trindade misericordiosa, comunicando-a a todos através de obras e palavras.

Vossos irmãos:

fr. Fernando Millán, O.Carm.,

fr. Saverio Cannistrà, O.C.D., Prior Geral